



## **Juventude e educação: problematizando a complexidade da escola no tempo presente**

*Juliane Bertuzzi<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O presente trabalho discute o conceito de juventude e de que modo o mesmo contribui para pensarmos o processo educacional atual nas escolas públicas. Em termos metodológicos, buscamos o aporte da teoria sociológica para a problematização da instituição escolar do tempo presente. Neste sentido, o aporte teórico de autores como Durkheim, Mannheim, Freire e outros foi utilizado com o objetivo de identificar a relação entre juventude e escola na contemporaneidade. Inicialmente, destacamos que a juventude não possui um termo ou um conceito sociológico único que a explique ou determine. Ela, assim como suas identidades que são mutáveis, transforma-se através do tempo e do espaço. Portanto, a educação em um processo fixo, em que não acompanha as mudanças rápidas do mundo, acaba por não contemplar as expectativas destes novos estudantes. A realização desse relato de experiência possibilitou identificar o processo de socialização e a representatividade dos círculos sociais na vida dos jovens estudantes, sobretudo no que concerne aos vínculos estabelecidos no ambiente da escola. Em termos gerais, chegamos à conclusão de que o processo educacional que não usa “o novo” como ferramenta de aprendizado não é capaz de conquistar um aluno afoito pela novidade em um mundo em transformação.

**Palavras-chave:** Juventude. Educação. Socialização. Escola Pública.

## **Youth and education: problematizing the complexity of the school in the present time**

### **Abstract**

This paper discusses the concept of youth and how it contributes to the current educational process in public schools. In methodological terms, we seek the contribution of sociological theory to the problematization of the school institution of the present time. In this sense, the theoretical contribution of authors such as Durkheim, Mannheim, Freire and others was used in order to identify the relation between youth and school in contemporary times. Initially, we emphasize that youth does not have a single sociological term or concept to explain or determine it. It, like its identities that are changeable, transforms itself through time and space. Therefore, education in a fixed process, in which it does not follow the rapid changes of the world, ends up not meeting the expectations of these new students. The realization of this experience report made it possible to identify the process of socialization and the representativeness of social circles in the lives of young students, especially regarding the ties

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim.

established in the school environment. In general terms, we come to the conclusion that the educational process that does not use "the new" as a learning tool is not capable of winning over a pupil who is keen on novelty in a changing world.

**Keywords:** Youth. Education. Socialization. Public School.

A primeira questão a ser pensada refere-se a reciprocidade entre juventude e sociedade. O que uma pode esperar da outra ou contribuir. A mobilização política e social de uma juventude advém da sociedade a qual pertence e da preparação e estrutura social e sociológica dessa sociedade. O próprio Estado pode fazer uso dessa juventude como meio de mobilidade e mudança. Uma juventude organizada em prol de um objetivo pode reconstruir ou reestruturar algumas regras da sociedade a qual pertencem.

Segundo a obra “O problema da juventude na Sociedade moderna” de Karl Mannheim (1968), as sociedades consideradas estáticas, onde as mudanças são lentas e o tradicionalismo comanda a marcha, são sociedades onde se valoriza mais a experiência dos velhos do que a vitalidade e força de mudança da juventude. Nessas sociedades, a educação é mais uma tradição passada de geração em geração, com os mesmos valores, em um processo de repetição. Já as sociedades ditas dinâmicas, são as que apostam na vitalidade da juventude para uma mudança e um desenvolvimento social. Nessas sociedades, a experiência dos velhos pode ser levada em consideração, porém não serão estes a ditar o modo de vida dos mais jovens. Esta mocidade viverá a própria vida e terá suas próprias experiências. Porém será necessária que essas experiências, sentimentos e ações tomem um rumo simétrico, em torno de um objetivo comum para que haja alguma mutação social. Caso contrário, serão apenas membros dispersos, “adolescentes revoltos sem causa”. É preciso integrar essa juventude de modo produtivo dentro da sociedade.

Quando falamos sobre educação, já buscamos em Durkheim (1978) o argumento teórico sobre fato social, que explica a educação como tal, do modo em que exerce sua externalidade, estando ela aquém dos sujeitos. Sua coercibilidade, sendo imposta aos sujeitos. E sua generalidade, se estendendo a todos os sujeitos. Tentaremos discutir essas características e seu encaixe no processo educacional.

Primeiramente nessa concepção, os adultos são os que detêm o conhecimento, já os jovens e as crianças tudo tem a aprender, pois nada sabem, levando a ideia de tábua rasa. Sendo assim, é através da educação que o “ser individual” transforma-se em “ser social”, nas palavras de Durkheim:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela esta destinada em particular (DURKHEIM, 1978, 41).

É de senso comum que a educação é adquirida na escola. Mas é de cunho científico que aprendemos e apontamos que o processo educacional se dá desde o primeiro momento de vida dos sujeitos. O sujeito nasce e do mundo e das coisas nada sabe. As pessoas que fazem parte de seu ciclo familiar, ou os responsáveis pelo seu bem estar e sobrevivência são seus primeiros contatos de mundo externo, ou seja, são os mediadores dos símbolos que regem determinada sociedade. Através destes, a criança aprende suas primeiras palavras e desvenda objetos e formas estranhas. Cientificamente, concordamos então que a educação começa dentro do círculo familiar, onde a instituição família se apresenta como a primeira e principal responsável pelo processo de socialização dos sujeitos.

A escola entra como a segunda principal instituição nesse processo de socialização, ela será a responsável por internalizar nos sujeitos os signos da sociedade ao qual pertencem, de modo a manter um sistema pré existente. Essa manutenção se dará através dos regramentos e ensinamentos passados em sala de aula, que deve se manter como o padrão, o normal e o aceitável. A manutenção desta normalidade representa um poder sobre esses indivíduos, onde as suas particularidades serão doutrinadas em prol de uma nacionalização, as características mais pessoais serão moldadas para que assumam formas aceitáveis socialmente.

Max Weber (1984) nos trouxe grandes contribuições apontando a educação como o elemento essencial na formação intelectual dos indivíduos, sendo um importante instrumento na “seleção social” por proporcionar sucesso ao indivíduo. “A Educação é, segundo Weber, o instrumento que propicia ao homem a preparação necessária para o exercício de atividades funcionais adequadas as exigência das mudanças ocasionadas pela racionalização que o homem irá se deparar socialmente” (SILVA; WEBER apud. AMORIM, 2012, p.4). Para ele a educação é o instrumento necessário para um processo amplo de socialização.

O autor expressa a sua desilusão com o capitalismo ao dizer que o mesmo reduzia tudo, inclusive à educação, à busca por riqueza material e ascensão social. “Com seu olhar crítico, aponta para o fato de que se ganha em especialização e produtividade, mas perde-se o conteúdo ético e valorativo da educação” (WEBER, apud. SELL, 2002, p. 214). Procura entender a educação como comportamento social a classificando em três tipos ideais: A educação carismática, que se manifesta através do “dom”, de cunho íntimo; A educação especializada, difundida por todos com o objetivo de treinamento técnico/burocrático e a educação

humanística, focada para a elite, com o objetivo de desenvolver a arte e a cultura.

E dos ensinamentos de Karl Marx (1984), chamamos a discussão também Gramsci, abordando o artigo de Amarildo Ferreira Jr. e Marisa Bittar (2008), “A educação na perspectiva marxista: uma abordagem baseada em Marx e Gramsci”. Marx não teve como uma análise central o tema “educação”, a sua preocupação era a compreensão diante das dicotomias da sociedade capitalista. A educação acaba por se revelar de modo indireto ou subjetivo quanto as preocupações com o desenvolvimento e construção das potencialidades do homem, sejam elas físicas, sejam elas espirituais, como referencia Ferreira e Bittar (2008, P. 638), ao mencionar “*O Capital*”:

Do sistema fabril, conforme expõe pormenorizadamente Robert Owen, brotou o germe da educação do futuro que conjugará o trabalho produtivo de todos os meninos além de uma certa idade com o ensino e a ginástica, constituindo-se em método de elevar a produção social e de único meio de produzir seres humanos plenamente desenvolvidos. (MARX, 1984 apud FERREIRA E BITTAR, 2008, p. 638).

O que nos remete a pensar a educação como uma reprodução de ideais burgueses, no sentido de quê, a escola pública aparece como instituição formadora de uma mão de obra, que objetiva “qualificar”, através de uma escola pública, que viabiliza o ideal burguês, ou seja, ao proletariado basta o aprendizado das quatro operações básicas e o mínimo. Quanto ao desenvolvimento intelectual, ao pensar por si, ou pensar diferente, não é papel da escola formar cidadãos críticos, ao contrário, ela entra com o papel importante de manutenção da ordem social do sistema capitalista.

Já em meados do século XX, Gramsci (2000) vem contestar essa escola formadora de uma mão de obra, no sentido básico ou braçal apontando a escola como uma instituição responsável pela humanização dos indivíduos, que se refere:

A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo. (GRAMSCI 2000, apud FERREIRA E BITTAR, 2008, p. 638).

Gramsci (2000) requisitava uma escola que fosse formadora no sentido de qualificar a mão de obra, não apenas nos aspectos físicos, mas de desenvolver esses sujeitos intelectualmente. Essa proposta vai ao encontro dos ideais marxistas, quanto à consciência de classe, que poderia ser adquirida a partir do momento em que os sujeitos fossem capazes de

questionar o sistema posto. Para tanto, esse questionamento não viria com uma formação de avistasse unicamente uma reprodução de conhecimentos pré estabelecidos para manter a sociedade estática em sua dicotomia burguesia/proletariado. A educação tanto para Marx (1984) como para Gramsci (2000) seria a forma eficaz de uma tomada de desenvolvimento.

Mas como se dá o processo educativo no ambiente escolar? Independente das diferentes visões ou teorias sobre o verdadeiro objetivo ou papel da escola dentro de nossa sociedade, se faz necessário uma análise sobre os diversos aspectos que norteiam as atividades de um processo educacional dentro da instituição escolar.

Quando pensamos em um processo educacional automaticamente o que vêm em nossa mente são os procedimentos escolares que fazem parte integrante deste processo. Algumas questões são levantadas quando pensamos no modo que se desenvolve ou como desenvolver um processo educativo, que contemple todas essas constantes mudanças da contemporaneidade, visto que a sociedade esta em constante mutação tecnológica, onde a influencia desta tecnologia abarca em mudanças nas relações sociais.

Quando falamos de escola, a primeira questão levantada se refere à didática, especificamente a relação entre teoria e práxis. Percebe-se o quanto se torna complicado unir esses dois extremos, que não coexistem sozinhos, dentro de uma sala de aula, já que na maioria das vezes as propostas pedagógicas que são apresentadas aos professores, se encontram fora da realidade escolar, tanto materialmente como humanamente. E quando se fala sobre o humano, levamos em conta que todos os atos e fatos levam os atores de uma sociedade a uma relação social. Não precisamente em relacionar-se entre si, com o contato pessoal ou não. Mas na criação de uma consciência de que tudo que se pratica no dia a dia, tem por base a ação de outros homens.

O simples fato de tomar café pela manhã ou saborear um refeição, mesmo que isso seja um ato solitário, nos leva a ter uma consciência, de que um conjunto expressivo de ações humanas resultou, no ato de se estar saboreando uma refeição ou suprimindo uma necessidade física, elementar de alimentar nosso corpo para que este permaneça são. Essa tomada de consciência, através de exemplos cotidianos, torna-se a expressão teórica da realidade.

Lidando com essa realidade humana, em sala de aula, o que encontramos é uma diversidade de realidades. Modos de pensar distintos um dos outros, vidas sociais diversas, diferenças culturais. Então como fazer para superar a dificuldade de encaixar a prática à teoria? O professor poderia simplesmente passar a receita teórica aprendida e decorada e pedir para que todos aceitem o que foi dito, porque o que foi dito é o que será avaliado. Mas qual seria a contribuição disso? O que teria de acréscimo a esses atores sociais, que chamamos de alunos,

decorar frase de livros?

O papel do professor deve ir além do que fingir que há uma “receita” para tudo. Deve ser de instigar seus ouvintes, de fazê-los pensar aquela teoria tão clássica através de suas realidades sociais. Fazê-los questionar sobre o que é dito. De onde veio? Como surgiu? Porque surgiu? Quem foi que escreveu isso? Ou seja, a Teoria como forma de compreender o todo.

Conforme Lígia Klein (1996), o indivíduo é um ser pensante, ativo, discordante, um ser que nem sempre concorda ou acata as propostas do professor. Por isso o material pedagógico – a receita passo a passo nem sempre se encaixa em todas as instituições de ensino para auxiliar o professor.

A dificuldade maior dessa compreensão do homem esta no fato de que não há verdades absolutas, assim as teorias também não serão e não são verdades incontestáveis. A realidade se movimenta, e com ela as teorias se transformam. O que se explicava como verdade antes, hoje pode estar sendo questionada a ponto de não ter mais tal veracidade. A tecnologia e as ciências evoluem, e o que antes era benéfico para o corpo humano, agora pode causar doenças. Isso serve também às teorias de aprendizado. Elas geralmente são pensadas no momento presente e não levam em conta as mudanças constantes que surgirão, sendo assim não se prevê um processo educativo para um longo prazo, porque em pouco tempo ele acaba por se tornar obsoleto.

Para que uma concepção pedagógica dê certo, devemos levar em conta a concepção humana como elemento fundamental do processo. Toda a historicidade e transformação do homem dentro do tempo e do espaço. O homem é o resultado do próprio homem e toda a realidade seja ela física (com a intervenção humana) ou social é resultado das ações desses homens. Tudo que usamos ou fazemos, não é algo individual, existem pessoas envolvidas por trás de cada ação cotidiana nossa.

E então o que nos torna diferentes? Nossas relações humanas nos apresentam ao longo de nossas vidas, experiências as quais nos identificamos mais, uma música, uma cor, um tipo de leitura, nossas afinidades vão se construindo conforme nossas interações e relações sociais. Construimo-nos como indivíduos dentro de uma determinada sociedade, pela qual adquirimos traços culturais específicos da mesma. Esses traços podem ser adquiridos de modo voluntário, através da vivência ou ensinada e moldada por um sistema de ensino.

O professor é o interprete de uma sociedade, ele deve se apropriar dos conceitos e o conjunto que rege as relações sociais desse determinado grupo e exercitá-lo junto de seus alunos. Deve, portanto, repassar e ensinar os padrões pré estabelecidos pelo sistema ao qual pertence. A educação nesse sentido é uma apropriação de características comuns entre os entes

de uma mesma sociedade, tendo o professor a função social de expandir, exercitar e familiarizar o indivíduo nesse molde.

É necessário ver nessa relação professor-aluno um aprendizado mútuo. É dever do educador instigar seu aprendiz a questionar os fatos, até que o mesmo passe a pensar sozinho, e nesse processo, há uma relação de aprendizado tanto do aluno quanto do professor. O aprendizado não pode ser uma mera reprodução, deve ser uma construção com base na própria realidade. Ensinar a aceitar tal realidade tira as possibilidades de superação dos indivíduos. O que se espera é o estímulo de mostrar que o educando pode mais do que a sua realidade presente lhe mostra.

E quanto a tão popular educação inclusiva? Seria justo que estivesse ao alcance dessa parcela humana, apenas uma educação moldada ao que eles podem fazer? Ou esta inclusão deveria ir além do que estes acreditam ser capazes. O processo educacional tem a função de buscar métodos de superação das dificuldades desses sujeitos estigmatizados. Para tanto é necessário a interação entre professor e aluno, para que juntos descubram formas de aprendizado. É preciso um esforço maior por parte do professor, para que este supere as formas básicas de ensino, e aprenda a se relacionar com este aluno e suas deficiências, e crie novas formas de passar o conhecimento da forma não usual, ou seja, da forma qual não está adaptado, para tanto é necessário uma estrutura mínima para que esse processo possa se desenvolver.

O aprendizado provém das experiências vivenciadas junto aos semelhantes, isso ocorre dentro e fora da escola. Porém nem todos os conhecimentos se adquirem fora da escola, e o professor é o mediador para transmitir saberes para a pessoa, numa também chamada relação social. O método de ensino depende do conteúdo a ser inserido ao aprendiz. Em que o objetivo final que se busca no ponto de partida, quando o professor está embasado em teorias fidedignas para repassar aos seus alunos (KLEIN, 1993).

Paulo Freire (1996) aborda a docência como inexistente sem a discência. relata a importância e a necessidade de se colocar em prática a teoria. O ensinar não se limita a repassar conhecimento, é um campo amplo de aprendizagem professor/aluno, uma construção de múltiplos conhecimentos e vivências.

O aprendizado é mútuo entre aluno e professor. O autor chama de educador democrático aquele que tem a tarefa de ampliar a capacidade de criticidade de seus educandos, para que a aprendizagem se torne uma transformação contínua. Em contraponto, o educador memorizador é apenas um repetidor do que lê e memoriza. Não tem a capacidade crítica de produzir relações entre a teoria lida e o meio qual vive ou vivem seus educandos. Acaba por ter verdades incontestáveis, tentando transmiti- lá como o “pensar certo”. Entretanto, “pensar certo” não é

aceitar tudo que se lê e sim ter a capacidade de questionar o que se lê, de se transmitir tais questionamentos aos educandos e com eles produzir novas possibilidades e novos conhecimentos.

Ensinar é a busca contínua, é a pesquisa que nunca se encerra. Mas é também respeitar as particularidades e os saberes individuais de seus educandos, é buscar reunir a discussão teórica com as experiências sociais desses indivíduos. O senso comum gera uma curiosidade natural e ingênua que deve ser trabalhada e estimulada para que se transforme em criticidade.

Ensinar é buscar a acolhida do novo, deixar todos os pré conceitos e ou estigmas da sociedade, herança de um passado, em todas as questões, sejam elas de cor, etnia, gênero, religião. É pôr em prática o ideal de igualdade de uma sociedade democrática. É ensinar a pensar certo, este, como descreve Freire (1996) é o pensar diante das situações, é tomar consciência da alienação, é se despir de pensamentos prontos e engessados. Mas além, é agir conforme este pensar. Onde o pensamento e a ação sejam coerentes entre si.

Esta postura de “pensar certo” deve fazer parte do ser do educador. É preciso que o educador transmita esse seu pensar certo aos seus educandos não como um conceito teórico, mas como uma forma de compreender o mundo, lhe servindo como exemplo, levando em consideração a identidade cultural do aluno e a importância deste de se relevar em sua individualidade, tendo como preceito básico que ele é um ser social munido de historicidade, sendo que não há uma homogeneidade desses “eus” dentro de uma sala de aula.

O ensinar é instigar a mente para que essa produza conhecimento diante dos elementos apresentados. Com a consciência que somos seres inacabados e que nossas experiências e relações sociais nos moldam de acordo com as características da sociedade qual estamos inseridos. O professor deve respeitar toda a curiosidade do aluno e ir além, deve fazer com que ela se estenda. Em relação ao respeito, o professor deve ter o bom senso para ser rígido na questão da conduta de seus alunos, sem ultrapassar os limites éticos e sem transgredir a dignidade humana dos mesmos.

O ensinar exige uma compreensão da realidade além do conhecimento específico. Exige mostrar a possibilidade de mudança dessa realidade acendendo a esperança por uma sociedade e um sistema melhor.

E ao pensar sobre disciplina, Freire (1996) fala sobre uma autoridade democrática, onde o docente respeite a liberdade de seus alunos, característica que torna a sua autoridade legítima. Esta implica também na responsabilidade do educador de uma formação contínua, já que a falta de competência torna ilegítima qualquer autoridade.

Ensinar exige o comprometimento no sentido de envolvimento, não há como ser

professor e ser neutro, vendo seus alunos apenas como o objeto de trabalho. “Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” (FREIRE, 1996, p. 46). As interações humanas ocorrem e envolvem aluno e professor em um aprendizado mútuo e contínuo. Sendo assim, o aluno acaba por ter o professor como um exemplo de ator social, por isso é importante que a fala do educador não se afaste de suas práticas.

O ensinar é uma prática contraditória no sentido que o professor tem o dever de seguir um programa pedagógico ditado pelo sistema, que envolve reproduzir uma ideologia de classe dominante. Ao mesmo tempo, este deve indagar esta realidade, instigando a criticidade de seus alunos para que consigam ver além do sistema pintado como ele é, e instiguem dentro de si um não conformismo sobre as injustiças sociais. Ao que se refere:

Partindo de que a experiência da miséria é uma violência e não a expressão da preguiça popular ou fruto da mestiçagem ou da vontade punitiva de Deus, violência contra que devemos lutar, tenho, enquanto educador, de me ir tornando cada vez mais competente sem o que a luta perderá eficácia. É que o saber de que falei - mudar é difícil mas é possível -, que me empurra esperançoso à ação, não é suficiente para a eficácia necessária a que me referi. Movendo-me enquanto nele fundado preciso ter e renovar saberes específicos em cujo campo minha curiosidade se inquieta e minha prática se baseia (FREIRE, 1996, p. 48).

O professor tem o papel de despertar em seus educandos essa vontade de movimentar-se socialmente, em busca de novas alternativas e expectativas de mobilidade seja social, política ou humana.

E um processo novo de aprendizagem é o saber escutar. Novo no sentido de que por muito tempo o diálogo em sala de aula foi inexistente, onde o professor foi o único a se manifestar de uma forma vertical no estilo; “eu falo, vocês escutam”. Um professor deve saber ouvir os alunos e motivá-los a se manifestarem em sala de aula produzindo um diálogo que contribua com a aula e a produção de conhecimento.

O professor deve desmascarar as verdades que por muito tempo foram dadas como absolutas. A história que foi contada ou esta nos livros pode e geralmente não é uma verdade absoluta, partindo do pressuposto que o conhecimento esta sempre em movimento, podemos sempre questionar os fatos e descobrir novas verdades ou novas formas de ver os acontecimentos e os fatos. Ao educador não cabe o papel de reproduzidor de linhas escritas em um livro. Cabe construir seres mais conscientes.

Percebemos dois pontos importantes neste processo educacional: Primeiro; a didática usada nas aulas de sociologia apresenta elementos que se repetem e, que tornaram o ensino, não somente da sociologia, mas de modo geral, um ensino tradicional, que remete a uma aula

expositiva e dificilmente dialogada. Segundo, se percebe que mudar a didática ou a metodologia de ensino requer tanto uma aceitação por parte do docente quanto por parte dos alunos.

Quando nos remetemos a discutir o primeiro aspecto, nosso questionamento se refere a metodologia vista como tradicional assim como o que seria o “domínio de classe”. Afinal muito se fala em uma aula expositiva e dialogada, mas na prática o que percebemos são teorias expostas de um modo passivo, no sentido que um fala e os outros escutam. Não há uma percepção de que o conteúdo realmente desperte algum interesse ou curiosidade por parte dos alunos. Não podemos afirmar que não há um interesse, pois somos incapazes de absorver a subjetividade desses sujeitos e entrar em suas mentes. No entanto, essa passividade nos traz uma insegurança quanto ao aprendizado. Talvez não sejamos capazes ou não estejamos preparados para mesurar tal aprendizado.

Até que ponto o domínio de classe se estende ou o que ele significa? Manter a ordem seria sinônimo de silêncio? Se esta for a resposta, voltamos a passividade por parte dos alunos como a forma aceitável de conduta em sala de aula. Mas e se ordem é apenas uma mediação entre as implicações e curiosidades de suas mentes nervosas? A resposta contida nessa mediação não estaria em resultados diferentes? Tanto queremos resultados diferentes e falamos e reclamamos de uma juventude que não se interessa pela escola ou pela educação, estigmatizando esses sujeitos, como se não houvesse nenhum tipo de interesse sobre nada que seja importante. Mas o que é importante para eles? Talvez essa forma etnocêntrica de vermos a juventude seja um problema ou defeito nosso. Mas quando nos colocamos no lugar deles? E nos colocamos no lugar deles? Como gostaríamos de aprender? Como gostaríamos que fosse a escola? Temos condições de exigir resultados diferentes por parte de nossos alunos se nossas ações são sempre as mesmas? Será que não há algo de errado no que estamos fazendo?

O que nos leva ao segundo ponto; não mudamos de didática porque não queremos ou porque os nossos alunos estão adaptados ao modo tradicional de ensino? É uma pergunta sem resposta, pois uma não aceitação de uma metodologia por parte dos alunos pode ser uma justificativa que legitime o modo tradicional da aula expositiva.

Será que não experimentamos novas técnicas didáticas e, nos justificamos pela nossa falta de tempo e condições de trabalho docente? Sabemos que as condições e recursos em muitas escolas do ensino público são escassos, entretanto, será que não há condições de exercitarmos a nossa criatividade fazendo uso de tão pouco? Uma matéria de jornal, uma fotografia, uma música, um jogo, uma crônica, uma aula em um local diferente dentro da própria escola; são formas diferentes de aprendizado que não exigem nenhum recurso financeiro ou material, mas que dependem de uma disposição por parte do docente.

Podemos ser críticos sem atitude, com uma criticidade que questiona o movimento e o trabalho de outros sem olharmos para nós mesmos? Afinal, se queremos uma educação diferente, precisamos de formas diferentes de aprendizado. Ou será mais fácil sempre culpar o desinteresse de nossos estudantes? Como os responsabilizar por não ter interesse por didáticas completamente ultrapassadas. Ao mesmo tempo, que podemos culpar simplesmente os profissionais da educação, por não usar de formas didáticas diferenciadas para conquistar o aluno? Precisamos levar em plena consideração a estrutura a qual esse profissional está inserido. Muitas vezes o que se apresenta é o melhor que esses profissionais conseguem dar de si, dentro de um contexto empregatício exploratório, no entanto, podemos culpar apenas o sistema por todas as falhas apresentadas no processo educacional?

Os questionamentos são diversos e estão postos para que façamos uma reflexão mais profunda sobre os nossos movimentos como docente. Estamos inseridos em uma sociedade dinâmica e nossas atitudes em sala de aula devem se adaptar a contemporaneidade, para que possamos atingir resultados diferentes e assim aprendermos a arte de mediar conhecimentos.

## Referências

BITTAR, Marisa; FERREIRA, Amarildo Jr. A educação na perspectiva marxista: uma abordagem baseada em Marx e Gramsci. *Revista Comunicação Saúde Comunicação*. v.12, n.26, p.635-46, jul./set. 2008.

DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978. p. 41.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. SP: Paz e Terra, 1996.

KLEIN, Ligia Regina. História: uma concepção de homem, uma concepção de educação. In *cad. Pedag. E cult*. Niteroi; 2 (43): 333-343. Mai/dez 1993.

LUCENA, Carlos. O Pensamento Educacional de Émile Durkheim. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n.40, 2010. p. 295-305.

MANNHEIM, KARL. O problema da juventude na Sociedade moderna. In. Britto, S. *De Sociologia da Juventude*, I RJ: Zahar, 1968. p. 69-94.

MEUCCI, Simone. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 51, N. 3, p. 251-260, setembro/dezembro 2015.

SELL, Carlos Eduardo. Max Weber e a sociologia da educação. *Contrapontos*. Ano 2, n. 5, Itajaí, maio/ago. 2002, p. 237 – 250.

SILVA, J. A. M.; AMORIM, W. L. Estudo de Caso: O pensamento sociológico de Max Weber e a Educação. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, Blumenau, v.6, n.1, p.100-110, Tri I. 2012.

SPOSITO, Marília Pontes. PERALVA, Angelina Teixeira. Quando o sociólogo quer ser professor: Entrevista com François Dubet. *Revista Brasileira de Educação*, Nº 5. 1997. p. 232-231.

*Recebido em: 07 de maio de 2017*

*Aceito em: 06 de junho de 2017*